

As aulas de violão na Escola de Música Municipal de Macaíba: Uma abordagem educativo-musical em dois olhares

Pâmela Araújo de Moura
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
pamelaaraujo1948@hotmail.com

Filipe Ricardo Cabral de Moraes
Universidade de Aveiro
felipebass2007@hotmail.com

Erinckinson Bezerra de Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Norte / Universidade de Aveiro
eblima02@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência das aulas de violão na Escola Municipal de Música, no âmbito de um projeto social na cidade de Macaíba/RN. Este projeto funciona atualmente através de um convenio entre a Prefeitura Municipal e a Universidade Federal do Rio grande do Norte. A partir de uma perspectiva de dois olhares: discente e docente procuro estabelecer um ponto de intercessão entre professor/aluno em busca de uma compreensão acerca do ensino do violão em projeto social. Durante a pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com participantes do projeto, para obter outros pontos de vista acerca do ensino de música no projeto. Com essa pesquisa podemos perceber a importância dos projetos sociais na vida de seus participantes e refletir sobre a atuação dos educadores musicais nesses espaços.

Palavras-chave: Aulas de violão, Escola de Música de Macaíba, Projetos sociais.

1 Contextualização

A educação musical tem se inserido cada vez mais em nosso cotidiano, podemos encontrá-la em uma multiplicidade de espaços. Ela tem sido um fator muito importante na promoção da inclusão social, por isso está cada vez mais presente nos projetos sociais. Nesses espaços é dada ênfase ao papel da música como promotor de inclusão, e o ensino, na maioria das vezes não tem sistematização, assim se configurando como espaço não formal.

As minhas considerações a respeito do ensino em projetos sociais devem muito às contribuições dos autores Souza (2004), Kleber (2014) e Fialho (2014), que abordam aspectos importantes para a compreensão e atuação do educador musical nesse contexto. Sendo muito comum aulas de instrumento coletivo nesses projetos, e para entendermos como esse ensino acontece, os autores: Tourinho (2012) e Sá (2012) discutem o processo de aprendizagem nas aulas coletivas de violão. Por outro lado, Queiroz (2004) nos traz considerações a respeito da diversidade musical e a importância dela no processo de aprendizagem.

1.1 Projetos sociais

Os projetos sociais estão ganhando cada vez mais visibilidade. Tal fator se deve pela acolhida de uma população que constantemente é vista em situação de risco — principalmente para as crianças e jovens de baixa renda. Neste sentido, os projetos sociais têm sido de grande importância contra os danos sociais através de diversas ações. Segundo Souza (2014, p. 20): “Os projetos sociais são destinados às pessoas que são excluídas ou “menos visíveis” para a sociedade, como pessoas idosas, jovens, crianças, mulheres, negros, integrantes da comunidade LGBT, trazendo as questões de gênero, raça, geração, entre outras”.

Nesses projetos, ações ligadas às artes ao esporte tem se incluído cada vez mais. Sobre isso Kleber (2014, p. 27) afirma: “As artes, juntamente com o esporte se apresentam como base de argumentação nas propostas socioeducativas voltadas para o exercício de cidadania, dirigidas principalmente à camada mais pobre da textura social”.

Através das perspectivas dos autores supracitados, percebe-se que a educação musical está cada vez mais inserida em espaços, como: igrejas, ONGs e até mesmo espaços criados entre parcerias políticas e comunidade social. “A música vem se constituindo como um dos fortes eixos dessas propostas, o que tem demandado estudos de aprofundamento sobre o projeto pedagógico-musical nesses contextos.” (KLEBER, 2014, p. 27). Estes espaços exigem uma atenção maior por parte dos educadores, pois deve-se considerar a história dos participantes desses projetos. Assim, Fialho coloca:

Atuar em projetos sociais requer inicialmente pensar em quem são seus participantes [...] O educador musical de um projeto social atua nesse contexto, e uma das funções desse educador é fazer com que o participante possa ter o sentimento de pertencimento a alguma coisa e possa sentir que algo pertence a ele, para daí conquistar a dignidade necessária para a vida em sociedade. (FIALHO, 2014, p. 127)

No contexto dos projetos sociais, os conhecimentos vão além das habilidades musicais e o professor pode promover experiências de vida construindo uma relação do indivíduo com sua própria história e conseqüentemente com o ambiente onde vive. A Escola de Música de Macaíba (EMMa) — cerne deste trabalho — enquadra-se no perfil de projeto social, buscando através da música, oferecer um espaço de inclusão social ao mesmo tempo em que promove a formação do músico.

1.2 Sobre Contexto não formal

O ensino musical tem se tornado cada vez mais significativo na sociedade, trazendo novas perspectivas de abordagens educativo-musicais, procurando assim contemplar essa multiplicidade de espaços. Porém nem todos têm acesso ao ensino da música, principalmente a população que constantemente é vista em situação de risco, especialmente as crianças e jovens de baixa renda.

Muitas vezes os termos formal, não formal e informal são usados com relação ao contexto escolar e não escolar, restringindo o formal ao que está dentro da escola e o informal ao que está fora dela. Para Libâneo (2000), a educação se caracteriza em duas modalidades: intencional e não intencional, onde a educação intencional se volta para o ensino formal e não formal, e a educação não intencional para o ensino informal. No ensino formal à educação é organizada intencional e sistematicamente, com planejamento, a escola regular é o maior exemplo. No ensino não formal à educação também requer uma intenção, porém é pouco estruturada e planejada. Nessa conjuntura, o contexto não formal relacionasse com o ensino intencional, sem diretrizes definidas para o mesmo. Nessa perspectiva, podemos então entender que a EMMa se insere no contexto de ensino não formal, no entanto possui

característica do que Libâneo (2000) distingue como educação intencional. Pois desde o início de sua existência o ensino não é sistematizado.

2 Os Momentos e Convênios do Projeto

2.1 Primeiro Momento

No ano de 2008 a EMMa passa a funcionar como projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Os professores estagiários são alunos dos cursos técnicos e graduação (bacharelado e licenciatura em música) da EMUFRN. Além das modalidades de ensino já existentes, foram inseridas aulas de trompete, clarinete, saxofone, flauta transversal, contrabaixo acústico e canto coral.

Por outro lado — durante o período da mudança de convênio — um número considerável de professores saiu. Conseqüentemente, muitos alunos desistiram no que impactou em maior tempo de espera até que as aulas se normalizassem. Muitos alunos que ficaram passaram algum tempo visivelmente desestimulados.

Com esta mudança o principal objetivo era a preparação dos alunos para o ingresso nos cursos de música da UFRN. A orquestra passou a tocar peças clássicas e os próprios alunos passaram a desempenhar, pela primeira vez, o papel de solistas. Os recitais passaram a ser preparados pelas classes de instrumentos.

Em 2010, O atraso na remuneração dos professores resultou no atraso das aulas, conseqüentemente desmotivando alunos e docentes. Alguns professores continuaram suas aulas normalmente, os alunos reconheciam o esforço dos professores e se dedicavam ao estudo do instrumento, como se retribuíssem ao esforço. Muitos dos alunos que continuaram

no projeto faziam parte de grupos formados pelos professores que não cancelaram a aula: a orquestra, o grupo de MPB e o grupo de violões.

Vale ressaltar que durante esse período houve um número considerável de alunos aprovados em cursos da EMUFRN. A partir de 2009, os alunos viram novas perspectivas na música e, nos anos seguintes, houve um número maior de aprovados. Como podemos ver na tabela abaixo:

Tabela 01: Alunos aprovados nos cursos da EMUFRN.

ANO	NÚMERO DE ALUNOS	CURSO
2009	1	Técnico
2010	3	Técnico
2011	9	Técnico e Licenciatura
2012	3	Técnico e Licenciatura
2013	—	—
2014	4	Licenciatura
2015	2	Licenciatura e bacharelado
2016	1	Técnico

Fonte: Pesquisa de campo realizada pela autora em 2016.1.

É importante observarmos o crescimento do número de alunos aprovados nos cursos de música. O ingresso desses alunos na graduação principalmente em cursos voltados à preparação do professor de música, ou seja, muitos dos alunos possuem pretensões de educadores.

2.2 Segundo momento

Em 2012, a prefeitura suspendeu o convênio com a UFRN e os professores passaram a ter contrato direto com a gestão. Novamente houve mudança de professores e um intervalo maior sem aulas. Foi nesse ano em que ex-alunos do projeto, aprovados nos cursos técnicos da EMUFRN, foram convidados a ministrarem aulas nas modalidades de Violino, Violoncelo e Violão.

O projeto se desenvolveu muito nessa fase. Ter monitores que já haviam sido alunos do projeto motivava os discentes ao estudo, pois estes passaram a tomar conhecimento da

carreira acadêmica que poderia acontecer. Muitos até então tinham em pensamento tocar na igreja, em bandas populares ou em encontro de amigos. Mas através do exemplo dos monitores puderam ter outro olhar sobre o estudo da música.

Os monitores planejavam suas aulas de acordo com sua experiência naquele mesmo projeto. Essa experiência fazia com que eles tivessem o olhar sensível para os alunos. No período da atuação dos monitores houve o mesmo problema de remuneração e a exemplo dos seus mestres eles continuaram com as aulas, como nos relata João¹ (2016): “Eu tive os mesmos problemas que meus professores tiveram com questão do salário. Nos primeiros meses eu comecei a ganhar e depois não ganhei mais nada. Também dei aula, fiz a mesma coisa que fizeram comigo, continuei até onde eu podia e continuei dando aula aos meus alunos”.

Com este relato percebemos o quão significativo é o professor na vida do aluno, isso não se refere apenas a sua visão de mundo, mas, pode-se ver ações do professor refletida em seu aluno. Essas ações podem estar presente na própria atuação docente de seu aluno, principalmente quando ele inicia essa prática sem orientação acadêmica. Por isso é necessário estar vigilante, pois o aluno não está atento apenas aos conteúdos musicais em si. Nesses projetos os alunos veem nos seus mestres um exemplo a se seguir, muitas vezes esses alunos optam pela carreira docente — como foi o exemplo do entrevistado — e quando não se tem uma formação acadêmica (licenciatura) que prepare-o, esse toma por base seu professor, tomando para si o que ele acha que foi positivo e descartando o que foi negativo. Toda esse procedimento de aulas, planejamentos e didática, fazem parte do processo de ensino e aprendizagem. Pensando nesse processo Kleber (2006) afirma:

Pode-se pensar, ainda, que nesse processo está também presente um sistema de trocas baseado em valores simbólicos e materiais ligados às práticas musicais, extrapolando-as. Estabelece-se, assim, a possibilidade de constituir redes de sociabilidade mobilizando motivações internas, consubstanciadas em ações nos diferentes contextos: institucional, histórico, sociocultural e de ensino e aprendizagem musical (KLEBER, 2006, p. 122)

¹ O nome João corresponde a um pseudônimo.

Entretanto, pensar no aluno de projeto social como sujeito pertencente a uma realidade, que na maioria das vezes é desfavorável, nos faz pensar na construção de um espaço educativo capaz de oferecer também a inclusão social dos indivíduos. Assim, “Temos portanto, dois desafios que conjugam: melhorar a educação por meio de uma formação integral de qualidade e fortalecer, nas diferentes políticas sociais, o compromisso com inclusão” (GUARÁ, 2003, p. 34)

2.3 Terceiro Momento

Em 2014 EMMa faz novamente convênio com a UFRN, o qual é mantido atualmente. Nesse convênio continuam apenas dois professores que já eram do projeto anteriormente, sendo um professor desde o início e outro um ex-aluno que leciona no projeto desde 2012. O quadro de professores atualmente atende as modalidades de: violão, baixo elétrico, guitarra, teclado, bateria, violino, viola, violoncelo, canto individual e canto coral.

O projeto hoje recebe alunos principalmente da rede pública de ensino e direciona 20% das vagas para pessoas que não estão na escola regular. São poucos os alunos da zona rural matriculados, pois o deslocamento dos mesmos é independente, ou seja, a prefeitura não custeia o transporte. Além de trabalhar a música no âmbito de inclusão social, hoje a EMMa busca preparar os alunos para o ingresso nos cursos da EMUFRN, fazendo com que haja a profissionalização dos alunos na área da música.

3.0 Relato: dois olhares

Minha vivência no projeto iniciou em 2006, como aluna de violão. As aulas aconteciam duas vezes por semana e havia transporte que deslocava os alunos do interior até a cidade. A cada aula eram 54 km percorridos. Através do violão tive a experiência tanto quanto aluna como de professora na EMMa. Enquanto aluna, vivenciei aulas que tiveram por base o método de iniciação ao violão de Henrique Pinto (1999). Saliento que na minha experiência inicial como docente o referido método foi também utilizado por mim. Confesso que em ambas as perspectivas — enquanto aluna e na fase inicial de professora — as aulas eram voltadas

principalmente para a leitura de partitura e pouco se tocava canções conhecidas em âmbito popular.

Tendo essa experiência como aluna, pude buscar novas metodologias para minha atuação como professora no mesmo projeto. Busquei contemplar os alunos com a ideia de considerar o objetivo que eles traziam e inserir o conteúdo dos meus objetivos enquanto professora. Ressalto a importância do educador considerar as experiências trazidas pelos alunos, valorizando os indivíduos e sua cultura seja ela qual for. Sobre isso SOUZA (2004, p. 9) afirma: “Considerar a música como uma comunicação sensorial, simbólica e afetiva, e portanto social, geralmente desencadeia a convicção de que nossos alunos podem expor, assumir suas experiências musicais e que nós podemos dialogar sobre elas”.

O desejo dos alunos de violão nesse contexto é principalmente poder fazer acompanhamento vocal, seja de outras pessoas ou de si próprio. Recebê-los com leitura de partitura e assuntos teóricos os leva muitas vezes a desistir. É importante que eles percebam o que eles pretendem não será perdido, e assim o professor poderá inserir outras práticas, fazendo-o entender a importância de ser um músico preparado tanto para acompanhar como para tocar sozinho, e principalmente um músico capaz de ler partitura à primeira vista.

Nas aulas com alunos infantis foram usadas as músicas sugeridas pelo livro (Pinto, 1999), para os adolescentes as músicas foram sugeridas pelos próprios. Os alunos mais novos puderam também acompanhar os alunos mais avançados, que já liam partitura, onde os iniciantes que acompanhavam faziam os baixos, e os outros faziam a melodia através da leitura de partitura. Assim, possibilitando que os alunos possam fazer música mesmo com poucas habilidades e poucos conhecimentos. Isto possibilita que os alunos se sintam capazes de aprender, por estarem inseridos em meio aos alunos que já tocam a mais tempo. Com essa prática podemos ainda demonstrar na prática a importância da leitura, não impondo, mas, despertando o interesse para a aprendizagem, através do diálogo

Buscando compreender e oferecer aulas atrativas que atendessem a expectativa dos alunos, mas que também pudesse desenvolver um conteúdo sólido capaz de formar um músico leitor de partitura e também de cifra, tendo em vista que essas são as principais formas

encontradas pelo violonista tanto para fazer acompanhamento como para fazer concertos solos. Nas aulas os alunos puderam expor seus interesses com relação ao aprendizado.

3.1 Ensino coletivo

O ensino de instrumento coletivo é uma prática muito comum em escolas de música, principalmente quando as turmas são constituídas por alunos iniciantes. Essa prática tem sido bastante discutida no que se refere aos resultados obtidos a partir dela. Nessas discussões cabem questões como o acompanhamento das aulas, na medida em que cada aluno tem sua particularidade no processo de aprendizagem. “Embora não haja um consenso sobre o êxito deste processo de ensino, é notável o crescimento de experiências que utilizam essa metodologia com diversos instrumentos musicais.” (SÁ, 2012)

O violão é um dos instrumentos que têm acompanhado essa metodologia, principalmente por oportunizar o ensino do mesmo a mais alunos por vez, tendo em vista que esse instrumento é um dos mais populares, resultando assim numa maior procura. Nessas aulas é necessário a busca por um repertório homogêneo, que atenda o máximo possível as particularidades da turma. Tourinho (2012, p. 70), explica a importância dessas aulas: “Assim, os estudantes devem ter a oportunidade de tocar, criar e ouvir, a si e a seus colegas, bem como ao professor. A diferença fundamental é que, no ensino coletivo, tais atividades são feitas, em sua maioria, envolvendo todos os estudantes na maior parte do tempo possível”.

Aulas coletivas conduzem os alunos a compreenderem a importância de ouvir o outro, haja vista que o violão é um instrumento acompanhador. Ter os violões divididos por naipes, necessita deixar os alunos atentos a toda turma. Isso possibilita a organização de um repertório que pode ser utilizado em prática de conjunto. Nessas aulas podemos ainda compreender a importância das aulas de teoria e percepção, auxiliando a leitura da partitura, da apreciação musical, da técnica do instrumento e conseqüentemente o desenvolvimento do repertório.

Outro fator muito importante a ser ressaltado nessas aulas é que “o espírito colaborativo é estimulado porque os integrantes podem combinar estratégias entre si, discutir as respostas e decidir musicalmente acerca de como completar uma frase.” (TOURINHO, 2012,

p. 71). Apesar das aulas coletivas não serem exatamente a prática de conjunto, elas possibilitam que isso aconteça.

3.2 Apresentações

É importante que os alunos exponham o que aprenderam ao longo do semestre. E para isso geralmente são preparados espaços para apresentações. Para essas atividades, o ensino coletivo proporciona aos alunos uma experiência importante para que ocorra um melhor desempenho dos alunos. Dessa forma podemos ver resultados positivos de tocar em conjunto, pois estar com um colega, alivia a tensão da apresentação. O recital é importante para que os alunos ponham em prática o que foi aprendido em sala de aula. Demonstra também para a comunidade os resultados do trabalho feito ao longo do semestre, principalmente quando se tem parcerias com instituições públicas (prefeitura e UFRN) — como é o caso da EMMa.

O repertório utilizado já é preparado pensando nas práticas de conjunto para serem apresentadas ao final do ano letivo. Neste projeto por exemplo, o violão é um dos instrumentos mais procurados e são abertas turmas de instrumento coletivo para atender essa demanda.

Imagem 1: Recital de fim de semestre da EMMa. 2012.



Fonte: Arquivo pessoal

Considerações finais

Durante a pesquisa foi possível perceber a importância do professor estar totalmente envolvido com o projeto, bem como, a busca de conhecimentos para proporcionar um suporte

conciso aos alunos. Percebe-se a importância da atuação profissional do professor, que reflete e influencia uma possível e futura prática docente destes alunos. Muitos dos participantes ao iniciarem nesses projetos não têm conhecimento das possibilidades acadêmicas que a música pode proporcionar e a orientação de um professor faz diferença nos caminhos que esses alunos trilharão.

Ter investimentos em projetos sociais são de extrema importância, e esta pesquisa nos leva a compreender isso através do relato dos impactos que eles exercem na vida dos participantes — como é o meu caso. Essa vivência me fez perceber que a atuação dos professores nem sempre está relacionada apenas a sua remuneração. Nesses projetos, na visão dos professores, o foco na formação dos alunos muitas vezes, está desvinculado da compensação financeira.

Consideramos esses espaços de extrema importância para a formação docente e discente, haja vista as trocas de saberes que acontecem nesses projetos. Quando os alunos voltam para ministrar no mesmo espaço em que tiveram aulas, eles trazem para sua atuação a experiência enquanto aluno, compreendendo o que foi positivo e negativo em suas aulas, e consequentemente utilizando materiais que possam ajudar no processo de aprendizagem dos estudantes.

Referências

FIALHO, Vania Malagutti. **Ser professor de música em projetos sociais: aspectos da formação e da atuação**. Música, educação e projetos sociais. 2014.

GUARÁ, Isa Maria Ferreira da Rosa. **Educação, proteção social e muitos espaços para aprender**. Muitos Lugares para aprender. Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação comunitária – CENPEC- São Paulo 2003.

JOÃO. Entrevista de Pâmela Araújo em 17/05/2016. Macaíba/RN. Registro de áudio celular. Residência.

KLEBER, Magali. **Música, educação e projetos sociais**. Tomo Editorial: Porto Alegre. 2014

_____, Magali Oliveira. **Educação Musical e ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro**. EDUFRGS: Porto Alegre. 2006

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** Cortez: São Paulo, 1999.

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. **Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música.** *Revista da ABEM*, nº10 99-107, março de 2004.

PINTO, Henrique. **Iniciação ao violão.** São Paulo: Ricordi. 1999

SOUZA, Jusamara. **Música em projetos sociais: a perspectiva da sociologia da educação musical.** Música, educação e projetos sociais. Tomo Editorial: Porto Alegre 2014.

_____, Jusamara. **Educação musical e práticas sociais.** *Revista da ABEM*, nº10 7 -11, março de 2004.

SÁ, Fábio Amaral da Silva. **A construção de um repertório atrativo e eficaz para o ensino coletivo de violão: uma experiência.** 2012. Disponível em <<http://ensinocoletivo.blogspot.com.br/2012/12/artigo-apresentado-no-v-enecim-em.html>> acesso em: 17/05/2016.

TOURINHO, Cristiana. **Ensino coletivo de violão: proposta para disposição física dos estudantes em classe e atividades correlatas.** 2012. Disponível em <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69356&>> acesso em: 17/05/2016.